

Projeto de vida na velhice e suas dimensões afetivas: um estudo de caso

Valéria Arantes¹
Viviane Pinheiro²
Marília Amado³

Resumo: Os estudos sobre projeto de vida aprofundam as relações entre bem-estar psicológico e os objetivos que dão sentido à vida das pessoas. Trazendo sentido à existência humana e comprometendo o sujeito em ações cotidianas em busca de objetivos, os projetos de vida colaboram com vivências mais positivas, gerando bem-estar. No processo de envelhecimento, ao manter objetivos na busca de realização pessoal, social e contribuição com a sociedade, os idosos podem lidar com os marcos cronológicos, biológicos, sociais e psicológicos inerentes a essa etapa da vida com força pessoal e perseverança. Este artigo pretende apresentar e discutir a organização psíquica subjacente ao projeto de vida do idoso, bem como identificar os mecanismos para superação de suas dificuldades, sua atuação plena na sociedade e promoção do bem-estar. Trata-se de um estudo de caso qualitativo com o objetivo central de identificar e analisar os valores e significados afetivos subjacentes ao projeto de vida do participante. Participou desse estudo um idoso de 67 anos do sexo masculino. Os resultados apontam que a construção de projetos de vida éticos é um processo autoral e criativo que parte de um repertório de pensamentos, sentimentos e ações e que dão sentido à vida por meio da busca da transcendência. Nesse processo, foram identificadas possibilidades criativas na busca do bem-estar.

Palavras Chave: projeto de vida; afetividade; organização do pensamento; velhice.

Abstract: The studies on purposeful lives deepen the relations between psychological well-being and the goals that shape purposes into people's lives. Bringing meaning to human existence, and involving oneself in daily actions towards goals, life purposes collaborate with more positive experiences, increasing well-being levels. In the aging process, when having personal goals that aim self and social growth, the elderly can cope with chronological, biological, social and psychological landmarks with strength and perseverance. This article's aim is to present and discuss the underlying psychological framework on life purpose in elderly people, and also to identify their mechanisms to overcome challenges, their social roles and well-being promotion. It is a qualitative case study with the main goal of identifying and analyzing values and affective meanings intrinsic to the subject's purpose. In this study, a 67-year old male adult was the focus. The results point out that the construction of ethical life purposes is a creative and authorial process that result from each one's thoughts, feelings and actions repertory and it gives meaning the our lives through the search of transcendence. In this process, creative possibilities were identified in the search of well-being.

Keywords: purpose; affectivity; organization of thought; later life.

Introdução

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características dos Moradores (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atestou, em 2017, que a população idosa brasileira manteve tendência de crescimento e atingiu 30,2 milhões de pessoas acima de 60 anos de idade (Brasil, 2017). O envelhecimento da população brasileira acompanha o que se observa em grande parte dos países, em decorrência do aumento da expectativa de vida pela melhora das condições de saúde e da redução da taxa de fecundidade (WHO, 2005).

¹ Professora Livre-Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. varantes@usp.br

² Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. vipinheiro@usp.br

³ Aluna de pedagogia e de iniciação científica da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. marília.amado@gmail.com

Em vista de tal panorama, faz-se ainda mais presente a preocupação social pela qualidade de vida e bem-estar dessas pessoas no Brasil, levando à reflexão sobre a necessária mudança de paradigmas não apenas das políticas públicas, visando um atendimento mais eficaz a essa população, mas também dos conceitos a ela relacionados, no que as pesquisas científicas de diversas áreas do conhecimento podem contribuir.

Na medida em que incide sobre a forma como as pessoas organizam intrinsecamente as suas experiências pessoais, no intercâmbio que fazem cotidianamente com a sua cultura, a psicologia corrobora esse movimento e, de forma mais específica, pela psicologia positiva (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000), pode analisar o processo de envelhecimento pelos vieses do bem-estar psicológico e dos aspectos positivos da personalidade das pessoas.

Esse trabalho teórico vem ao encontro da necessária reflexão sobre o paradoxo da velhice no Brasil contemporâneo. Ser velho ainda é fonte de estigmas e preconceitos em nossa sociedade. A velhice parece ser marcada por uma visão de deterioração, fragilização, declínio e perda da autorregulação progressiva do sujeito. Neri e Freire (2000) apontam que “(...) na base da rejeição ou da exaltação acrítica da velhice, existe uma forte associação entre esse evento do ciclo vital com a morte, a doença, o afastamento e a dependência” (p. 8). Ao mesmo tempo, como sinaliza Debert (1999), vê-se o surgimento de uma nova categoria cultural, em que o idoso torna-se autor, atuando de forma representativa e cada vez mais participativa do ponto de vista numérico na sociedade brasileira. Sob esse ponto de vista, embora ainda se tema o avanço da idade pelo processo contínuo de perdas e dependência, considera-se que os estágios mais avançados da vida podem ser momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal.

O marco biológico não se faz suficiente para explicar as formas e condições do envelhecimento da população brasileira. A idade é um fato pré-determinado mas, como sinalizam Schneider e Irigaray (2008), o tratamento dado aos anos depende das características de cada pessoa, o que torna difícil estabelecer critérios para definir o início da velhice. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a base é a idade cronológica: a partir de 65 anos em países desenvolvidos e de 60 anos em países em desenvolvimento. No Brasil, o Estatuto do Idoso (2003) reconhece as pessoas acima de 60 anos como idosas, entretanto alguns direitos, como a aposentadoria, são garantidos para uma parcela da população, no caso do sexo masculino, apenas acima de 65 anos.

Concordamos com Scheider e Irigaray (2008), para quem o marco cronológico não define a velhice, mas “as condições físicas, funcionais, mentais e de saúde das pessoas, o que equivale a afirmar que podem ser observadas diferentes idades biológicas e subjetivas em indivíduos com a mesma idade cronológica” (p. 589). Para os autores, é necessária uma visão mais complexa desse fenômeno, composto pelas diferentes idades: cronológica, pelo marco da passagem do tempo; biológica, pelas modificações corporais e mentais do processo de envelhecimento; social, pelos hábitos e status social obtidos pelo indivíduo para o preenchimento de papéis sociais ou expectativas em relação a pessoas da sua idade, em sua cultura e em seu grupo social; psicológica, tanto relacionada a capacidades psicológicas, como percepção, aprendizagem e memória, quanto pelo senso subjetivo de idade, ou seja, como cada pessoa avalia os marcadores cronológicos, biológicos, sociais e psicológicos do envelhecimento em relação a pessoas de sua idade (Neri, 2005).

Nessa perspectiva, a velhice passa a ser analisada como uma experiência heterogênea, na conjugação entre as vivências pessoais e os contextos sociais e culturais de uma determinada época e lugar. Idosos de uma mesma faixa etária e

(con)vivendo em um mesmo local e em um mesmo tempo experienciam a velhice de uma forma altamente individual e singular. Nas palavras de Scheider e Irigaray,

Por exemplo, uma mulher de 70 anos pode ter uma boa saúde (idade biológica), mas ter problemas de atenção (idade psicológica). Essa mesma mulher pode se considerar uma excelente professora de línguas, mais do que uma avó. As medidas de idade cronológica, biológica, psicológica e social são relevantes e importantes para a compreensão do processo de envelhecimento, mas não para a sua determinação, pois a velhice é apenas uma fase da vida, como todas as outras, e não existem marcadores do seu começo e do seu fim. (2008, p. 592)

Assumindo a complexidade da heterogeneidade das vivências de velhice, a psicologia positiva busca a compreensão sobre como as pessoas podem “envelhecer bem”, entendendo que esse processo perpassa o bem-estar. Os estudos sobre o bem-estar e os sentimentos a ele associados são relevantes para identificar como cada idoso significa suas experiências nessa etapa da vida.

Nos estudos de Ryff (1989, 1995), define-se bem-estar psicológico em termos de competências do *self*⁴, relacionadas à satisfação com a vida e aos afetos, apesar de se diferenciar destes. Tal definição fundamenta-se em um modelo teórico no qual o bem-estar volta-se para a busca de excelência pessoal como motivação central da existência, e não a busca do prazer. Para tanto, recorre ao conceito de *eudaimonia* da teoria aristotélica, trazendo ao bem-estar psicológico a relação com algo que dá sentido e direção à vida das pessoas.

O modelo de bem-estar apresentado por Ryff (1989) compõe-se de seis dimensões: auto-aceitação (capacidade de aceitação de si e dos outros, apresentando uma visão positiva de si mesmo e de suas experiências prévias); relações positivas com os outros (capacidade de amar, manutenção de relações saudáveis, verdadeiras e de confiança com outras pessoas); autonomia (determinação e independência, capacidade de auto-avaliação e perseverança em relação aos critérios pessoais de atuação no mundo); domínio do ambiente (capacidade de criar, escolher e manter ambientes condizentes com suas características pessoais); propósito de vida (compreensão sobre os objetivos pessoais e senso de direção e intencionalidade, gerando sentido para a vida); crescimento pessoal (capacidade de manter continuamente o próprio desenvolvimento, estando aberto às novas experiências, assim como ao aperfeiçoamento e à realização das suas potencialidades). De acordo com Queiroz e Neri (2005), o senso de bem-estar psicológico determina-se pela interação entre as oportunidades e as condições de vida, a forma como cada pessoa organiza o conhecimento sobre si e os outros e de que maneira respondem às demandas sociais e pessoais.

Ainda sobre o bem-estar psicológico, no modelo multidimensional proposto por Ryff (1989, 1995), verifica-se a importância, para os idosos, de possuir objetivos que tragam sentido à sua existência. Para Emmons (2003), os objetivos relacionados à própria identidade, à contribuição que a pessoa pode fazer à sociedade (geratividade) e à transcendência espiritual levam a maiores níveis de bem-estar em comparação aos objetivos relacionados a poder e bens materiais. Nessa mesma linha, aprofundando os estudos de Erikson (1986, 1998), McAdams e St. Aubin (1992) identificaram a

⁴ Do inglês, a palavra *self* refere-se à dimensão do eu, das características individuais, personalidade e interesses do próprio sujeito. No contexto do presente trabalho, optamos por manter o termo original pela falta de um vocabulário na língua portuguesa que expresse o mesmo significado.

geratividade como um marco da velhice que se mostra um conceito-chave para entender uma forma saudável de envelhecimento. Tal conceito diz respeito ao legado que cada pessoa deixará para as futuras gerações, com base em dois elementos: o primeiro, interno, correspondente a uma tendência de garantir simbolicamente a própria imortalidade; o segundo, cultural, como tradução de uma expectativa social de transmissão e continuidade cultural. A partir desses dois elementos, surgem sentimentos relacionados à preocupação com o bem-estar próprio, da próxima geração e da humanidade, de forma geral.

Os estudos sobre projeto de vida aprofundam as relações entre bem-estar psicológico e os objetivos que dão sentido às vidas das pessoas. Do termo *purpose* (traduzido para o português como projeto de vida, expressão amplamente utilizada no campo educacional brasileiro) vem a ideia de que as pessoas podem ter uma intenção estável sobre o futuro que as motiva e as leva à persistência de agir no presente em conformidade com seus objetivos e metas (Damon, 2009). Ter um projeto de vida significa engajar-se e ter comprometimento em relação aos seus objetivos, direcionar metas para alcançá-los, compreendê-los como significativos para si mesmos e de que forma eles podem impactar o mundo para além de si (Bronk, 2014).

Embasados em objetivos que são significativos para a realização pessoal e para o mundo, os projetos de vida trazem uma forte conexão com o bem-estar psicológico nos termos descritos por Ryff (1989, 1995). Sentimentos de felicidade, realização, orgulho e gratidão, dentro de uma perspectiva eudaimônica de bem-estar, condizem com a busca de transcendência, já indicada por Frankl (1946) como característica comum ao sentido da vida humana. Para esse autor, que foi fonte inspiradora da teoria de Damon e colaboradores (2003), a permanência na vida deixa de ter sentido quando a existência humana não aponta para além de si mesma. Assim, a autotranscendência se traduz em metas e projetos singulares para que tomem forma viva no mundo, o que justifica o projeto de vida como uma força interior que dá significado à existência.

O bem-estar manifesta-se de forma complexa nos projetos de vida dos idosos, logo que se assume na ideia de geratividade, no que se quer deixar para o mundo, e também de uma forma bastante concreta, no modo como as ações, decisões e aspirações cotidianas são realizadas. Para Bundick (2009), os projetos de vida, independentemente de seu conteúdo, centrados no *self* ou extrapolando-os, precisam envolver os seguintes aspectos:

- a) estabilidade ao longo de certo período, ainda que possa sofrer alterações e ajustes;
- b) objetivos de longo prazo que operem a vida do sujeito, articulando múltiplas metas concretas;
- c) serem organizadores e motivadores da vida do sujeito, fazendo que estes tomem decisões, formulem objetivos de curto prazo e se dediquem a atividades necessárias para sua concretização.

Sendo assim, na qualidade de trazerem sentido à existência humana e comprometerem o sujeito em ações cotidianas em busca de objetivos, os projetos de vida colaboram com vivências mais positivas, gerando bem-estar, para além do prazer pessoal e egocêntrico. No processo de envelhecimento, os projetos de vida ganham contornos singulares. Ao manter objetivos na busca de realização pessoal, social e

contribuição com a sociedade de uma forma geral, os idosos podem lidar com os marcos cronológicos, biológicos, sociais e psicológicos inerentes a essa etapa da vida com força pessoal e perseverança.

Estudos sobre projetos de vida na juventude realizados no Brasil (Pátaro, 2011; Danza; Arantes, 2014; Pinheiro; Arantes, 2015; Arantes; Araújo; Pinheiro; Moreno; Sastre, 2017) apontam para a dimensão afetiva, seus significados e impactos na forma como os jovens conseguem fazer projeções sobre o futuro, com engajamento nas ações cotidianas, visando a objetivos que promovem sua realização pessoal e sua atuação em prol da sociedade. Nesses estudos, em geral, quando os sentimentos positivos, como felicidade, bem-estar e realização atuam reforçando e trazendo novos significados aos objetivos delineados pelos jovens, verificam-se projetos que claramente os direcionam e trazem sentido às suas vidas.

Analisar os projetos de vida dos idosos configura-se como uma continuidade desse caminho teórico, que ainda necessita de investimentos de pesquisa, para se compreender como essas pessoas podem organizar psicologicamente seus objetivos, metas, desejos e interesses, de uma forma que lhes promova bem-estar, assim como lhes possibilite mecanismos para superação de dificuldades e para a atuação plena na sociedade. Trilhando esse caminho, a seguir apresentamos um estudo de caso que faz parte de um projeto de pesquisa maior, por nós desenvolvido e iniciado recentemente, sobre projetos de vida dos idosos brasileiros. Trata-se de uma análise ainda em elaboração, para a consolidação do aparato teórico e metodológico que norteará nossos futuros trabalhos.

Método

Este trata de um estudo de caso qualitativo com o objetivo de identificar e analisar o projeto de vida (*purpose*) de um idoso de classe média brasileira. Com foco especial nos valores e significados afetivos subjacentes ao projeto de vida do participante, foi realizada uma entrevista⁵ de caráter semi-estruturado, baseado em um modelo que vem sendo empregado nas pesquisas do “Stanford Center on Adolescence”, em especial no contexto do projeto “Pathways to purpose in the encore years”⁶, com adequações para os propósitos de nossa pesquisa. Entre várias questões, contemplou-se os sentimentos envolvidos em suas escolhas pessoais, bem como aqueles relacionados às ações e aos projetos que envolvem aspectos que extrapolam seus interesses pessoais em direção à construção de um mundo melhor e mais justo. Com mais de cinquenta questões⁷, o roteiro está organizado em 5 blocos: 1) Objetivos/Prioridades/ Uso do Tempo; 2) Conexões e Compromissos sociais; 3) Grupo ou Participação Organizacional; 4) Trabalho remunerado e aposentadoria; 5) Trabalho voluntário e não-remunerado; 6) Envelhecimento, legado, significado do estágio avançado da vida.

Considerações Éticas

De acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, foram elaborados e aplicados os termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de

⁵ Esta entrevista faz parte dos dados de um projeto maior - “Projetos de vida (purposes) de adultos e idosos brasileiros e suas dimensões afetivas”-, financiado pelo CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (Processo nº 309671/2017-5).

⁶ Projeto coordenado pelos Profs. William Damon, diretor do COA – Stanford Center on Adolescence -, e Anne Colby, pesquisadora do mesmo centro.

⁷ Em virtude do restrito espaço em um artigo científico, o roteiro utilizado na íntegra não será apresentado.

Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), garantindo o caráter voluntário da participação, bem como o respeito às diretrizes éticas que regem a pesquisa com os seres humanos.

Análise dos dados

Assumindo os pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento (Moreno Marimón et al., 1988/2000) buscou-se identificar, no discurso do entrevistado, os elementos centrais por ele destacados, os sentimentos evocados, os significados atribuídos aos elementos e aos sentimentos e, por fim, as relações e/ou implicações estabelecidas entre eles. Nesse processo, foi dada especial atenção às dimensões afetivas, com o intuito de identificá-las nas projeções futuras do participante.

Resultados

Primeiramente, será apresentada uma síntese da entrevista realizada a fim de explicitar ao leitor seus principais aspectos e princípios. É importante salientar que essa síntese está baseada no discurso do participante, ou seja, na percepção que ele tem sobre sua própria vida. Na sequência, apresentamos detalhadamente os elementos e significados que compõem o modelo organizador extraído de sua fala, bem como excertos que ilustram as diversas relações e implicações por ele estabelecidas.

Síntese da entrevista

Criado em uma família burguesa do interior de São Paulo, LC, 67 anos, do sexo masculino, de cor branca, casado, é o filho mais novo de quatro e está acostumado a um padrão de vida confortável. Jornalista e advogado de formação, a busca pessoal pelo conhecimento o levou ao terceiro curso superior - Filosofia -, e atualmente é aluno da Universidade de São Paulo. Nunca atuou profissionalmente como advogado pois durante toda a vida dedicou-se à escrita. Trabalha há décadas na assessoria de imprensa de uma grande empresa brasileira e com isso ocupa grande parte de seu tempo. Além de seu emprego formal, dedica-se ao mercado de artes, como comerciante e também como espectador. Cita a fotografia como *hobbie*, ao qual se dedica para registrar obras de arte, exposições e eventos. Uma das formas encontradas por LC para dar vazão aos seus registros fotográficos é a sua atuação nas redes sociais. Segundo ele, a internet mudou sua vida tardiamente, e ele dedica um tempo significativo para o uso do computador. A possibilidade de publicar instantânea e independentemente seus pensamentos parece ter revolucionado suas relações. Além das postagens sobre artes, também exterioriza suas opiniões políticas nas redes sociais.

A própria saúde e o bem-estar de sua família (mulher e filhos) são fontes de muita preocupação para LC. As relações com a família de origem, sobre as quais aponta tensões e conflitos, são reconhecidas como de grande importância. Vislumbra a aposentadoria como possibilidade para escrever, viajar e estar com a família, ao mesmo tempo que teme não conseguir manter o mesmo padrão de vida e condições financeiras para cuidar da saúde.

Dois temas recorrentes e que aparecem intimamente relacionados no discurso do entrevistado são a presença temerária da finitude e a busca pelo registro. Com isso, a preocupação com a memória e o medo de ser esquecido se intensifica naqueles momentos em que a mortalidade se mostra mais próxima e real. Um exemplo disso é a morte da sua mãe e a importância que LC deu à sua placa no túmulo. O

sentimento de medo e a valorização da memória estão relacionados a várias dimensões de sua vida: na relação familiar, no trabalho, na forma em que gasta seu tempo, etc.

Resultados: O Modelo Organizador subjacente ao Projeto de Vida de LC

A análise apresentada e discutida a seguir visa responder à principal questão de nosso estudo, que consistiu em identificar e analisar como um idoso, com suas histórias, valores, necessidades e oportunidades distintas, dá sentido à sua vida e organiza suas projeções futuras. A tabela 1 apresenta os elementos centrais das respostas do participante, bem como seus respectivos significados.

Tabela 1

| Elementos centrais | Significados atribuídos aos elementos | Significados afetivos |
|---|--|---|
| Mortalidade (finitude) | <ul style="list-style-type: none"> - Apresenta-se como forma de despedida da vida; - Sinaliza o fim da sua trajetória; - Traz urgência à vida. | <ul style="list-style-type: none"> - Provoca-lhe sofrimento, medo, desespero. - Torna-o frágil; - Instiga o sentimento de solidão. |
| Saúde (falta) | <ul style="list-style-type: none"> - Traz a ele a tomada de consciência da morte; - Exige cuidados, disciplina, boa alimentação, atividade física. - Exige condições financeiras estáveis; - Torna as coisas mais lentas e o tempo mais urgente; - Torna o modo de viver mais difícil (locomoção, administração do tempo; ato de cuidar, etc.). | <ul style="list-style-type: none"> - Exige coragem; - Provoca-lhe medo. |
| Família | <ul style="list-style-type: none"> - São as pessoas mais importantes para ele; - É a instituição que merece seu legado; - Apresenta-se como fonte de vínculos afetivos. | <ul style="list-style-type: none"> - Desperta o sentimento de amor em relação às pessoas que considera mais importantes em sua vida. |
| Busca pelo saber/conhecimento (trabalho/estudo) | <ul style="list-style-type: none"> - Mantém sua lucidez; - Mantém sua vivacidade. | <ul style="list-style-type: none"> - Provoca-lhe grande interesse, desejo. |
| A temporalidade na velhice. | <ul style="list-style-type: none"> - Brevidade da vida; - Torna as coisas mais urgentes. | |

O caminho trilhado para análise do material levou-nos a identificar 5 diferentes elementos centrais na organização o pensamento de LC. Fortemente relacionados e integrados, tais elementos perpassam todas suas respostas. Para dar visibilidade à força desses elementos (e seus respectivos significados), selecionamos alguns excertos da entrevista e os apresentamos a seguir.

Fonte de muito sofrimento para LC, a mortalidade é significada como despedida, fim. A tomada de consciência dessa brevidade da vida faz com que ele se sinta frágil, vulnerável e muito temeroso. Em alguns momentos, a morte comparece com significados afetivos intensos e muito negativos:

O sofrimento faz parte da vida, como você sabe, mas tem uma agudização, uma ampliação do sofrimento em função dessa finitude mais próxima.

[...] eu sou uma pessoa que, desde que eu me conheço por gente, eu penso na morte. A morte é uma obsessão... tem um encantamento, um fascínio e um desespero, essas coisas todas. Você pensar que você desaparece mesmo, que não tem nenhum nível de consciência mais, enfim, sim, é uma questão que...e se eu adoço esse espectro é uma coisa que traz esse desespero. Porque....o apego à vida é muito grande.

E a experiência de vida me mostra o seguinte, as pessoas lutam tanto em vida, se acham tão importantes, e quando você fecha os olhos, um mês depois estão esquecidas.

Como apontado por LC, os problemas de saúde são enfrentados com desespero e daí emergem diferentes significados cognitivos e afetivos: eles trazem grandes limitações, exigem competência, disciplina, cuidado, coragem, requerem boas condições financeiras, causam medo, dor, sofrimento, perdas, fragilidade, preocupações, etc. Nesse cenário, e incorporado aos elementos mortalidade e saúde, o manejo do tempo ganha destaque em seu modo de viver:

[...] a gente não escapa daquela coisa da exiguidade da vida, quer dizer, eu estou num momento agora, como diria um amigo meu, eu sou um homem de mais passado e menos futuro. Então, as coisas passam a ser mais urgentes, e existe uma dor pelo que não se conseguiu fazer ao longo dos anos, existe um embate psíquico aí no sentido de que você não passe o resto dos seus anos em lamentação sobre o não feito, o famoso viver agora, mas é um momento crítico, é um momento em que você se depara de verdade com a questão da finitude.

Nessa organização, os elementos que comparecem fazendo um contraponto a esses complexos de sentimentos e pensamentos negativos em relação à saúde, morte e temporalidade são a busca pelo saber e conhecimento (através do trabalho e dos estudos) e a sua família.

Dando um sentido ético ao seu projeto de vida, a busca pelo saber é muito significativa: além de muito interesse (o desejo comparece como um significado

afetivo forte), é vista por ele como possibilidade de manter sua vivacidade e amenizar as perdas que o envelhecimento e os problemas de saúde trazem para ele:

[...] a questão do saber, que é uma questão que me interessa muito de perto, de continuar aprendendo, de continuar trabalhando, entendeu, manter a lucidez, porque é uma questão essencial também, porque você corre o risco de perder as faculdades, então, o cérebro. Você pode perder tudo, mas o cérebro ainda, é, digamos assim, seria o último reduto que você entregaria.

O trabalho - arte, escrita e fotografia -, parece alimentar LC intelectualmente e dar-lhe a vivacidade que necessita para superar ou amenizar as dores advindas da proximidade da finitude:

Eu gosto muito de escrever [...] eu tenho vontade de escrever qualquer coisa com a letra mesmo. E tem coisa que eu não falei, é que eu sempre sofri muito, eu tenho um problema visual, de visão meio sério, já fiz algumas cirurgias, já fiz transplante de córnea, e eu tenho uma [...] minha vista esquerda, hoje a minha vista de cá é praticamente nula, eu tenho uma vista direita excelente, 100% e tal. Então é uma espada de Dâmocles sobre minha cabeça, entendeu, então o cérebro tem que estar funcionando e a vista, então eu até que pensaria em acelerar, jamais pensaria em parar.

A família também comparece como um elemento central, com a qual parece ter um forte vínculo afetivo e grande preocupação. Somados à família, o medo da morte e a possibilidade que o trabalho oferece a LC de manter-se lúcido e “vivo”, configuram-se no seu projeto de vida como legado para os filhos e para o mundo:

[...] essa brevidade da vida pela frente, nem todo mundo pensa nisso, mas uma das questões que eu tenho é de deixar um legado, e a arte é essa, não só para eles, os filhos, mas enfim, esse acervo que nós temos é um acervo importante, a gente trabalha a muitos anos, a gente conhece.

[...] sempre fotografei muito, tá, eu tenho uma obsessão pela memória e pelo registro. Eu tenho um acervo de mais de [...] e nessa ligação que a gente tem com as artes visuais, a gente mexe, a gente conhece bastante artes visuais no Brasil.

Além da possibilidade de manter-se “vivo” e deixar um legado para os filhos e para o mundo, a memória e o registro significam para LC uma forma de contribuir com uma sociedade tão marcada pela desigualdade social, como é a brasileira. Sua preocupação com esse problema social é explicitada por ele em diferentes momentos:

[...] a questão de você viver num abismo social absurdo como o que a gente vive, de você ver milhões de pessoas na miséria, inclusive como

... você sabe, com o Brasil voltando aí pro cenário da fome... [...] eu tenho colaborado bastante, que é uma coisa bem concreta, colaborado com dinheiro, com algumas publicações de esquerda, que têm uma atuação muito forte hoje, dois blogs. [...] Eu tenho uma atividade forte nas redes sociais.

A família, somada ao registro e à memória comparecem, também de forma explícita, nos planos de LC para a aposentadoria:

[...] eu tenho pretensões de escrever um pouco mais, escrever pelo menos um livro, contar as histórias da família de um modo um pouco mais sutil, nossa trajetória.

[...] a gente tem interesse no interior, passar um tempo no interior, ir para o litoral, viajar mais, desfrutar mais da companhia da minha mulher. Estar mais próximo da família.

As dimensões afetivas e o projeto de vida de LC: Uma breve discussão

A análise da entrevista de LC trouxe-nos importantes contribuições para a definição dos caminhos teóricos e metodológicos a serem trilhados na busca pela compreensão de como se dá a construção dos projetos de vida dos idosos no âmbito intrapsíquico. Nesses caminhos, buscar-se-á os significados afetivos subjacentes aos valores e aos projetos de vida dos participantes. Chama-nos atenção o conjunto de sentimentos negativos evocados pelo entrevistado, especialmente em relação à mortalidade e à saúde. Dor, sofrimento, solidão, medo, temor, desespero e medo são sentimentos recorrentes na sua fala e nos seus gestos.

O neurologista Antônio Damásio, em sua obra mais recente, *The strange order of things* (2018), postula que os sentimentos qualificam e sinalizam para nossa consciência se devemos continuar, recuar, parar e analisar nossos comportamentos, ajustando-os na busca do equilíbrio homeostático. Adotando o conceito de homeostase como a força que “assegura que a vida seja regulada dentro de um escopo não apenas compatível com a sobrevivência mas que conduz a prosperidade, a projeção da vida para o futuro de um organismo ou espécie” (p.25), Damásio desenvolve a hipótese de que os sentimentos são os sinalizadores da busca pela homeostase. Discorrendo sobre o papel dos sentimentos na vida humana, apresenta-nos o que ele nomeia de “simples ideia”:

A simples ideia de que os sentimentos de dor e os sentimentos de prazer, desde os estados de bem estar ao mal estar e a doença, foram os catalisadores para os processos de questionamento, compreensão e resolução de problemas que distinguem mais profundamente a mente humana das mentes das outras espécies. (p.13)

No contexto do presente estudo, em especial no que diz respeito ao papel dos sentimentos nas escolhas éticas, vimos o quão complexo e contraditório é o processo de busca da homeostase e sua sinalização por meio dos sentimentos. Fonte de grande sofrimento, os problemas de saúde e a proximidade da mortalidade são enfrentados por LC com muita disciplina e cuidado, ao mesmo tempo que mobilizam valores que

Ihe permite transformar a experiência vivida. Desse complexo de sentimentos e pensamentos, emergem ações que o manterão “vivo”, através dos registros que comparecem com muita força nas projeções futuras (escrita, memória, fotografias, blog, etc.). Como postulou Damásio (2018, p.12), o sentimento de mal estar sinaliza que há algo de errado e que merece ser transformado. Daí o legado comparecer fortemente no modelo organizador de LC, como forma de superar a inevitável finitude.

Como Blasi (1983) e Damon e Colby (2015), não concordamos com aqueles modelos teóricos que colocam o sujeito como vítima de seus próprios sentimentos e atribuem apenas a emoção o processo de decisão. Por meio da valiosa contribuição de Damásio, para quem as emoções e os sentimentos participam de forma relevante dos processos que regulam a vida moral, articulamos as dimensões afetivas e cognitivas, acrescentando o importante papel da racionalidade e da escolha moral. Estabelecendo uma intrínseca relação entre os sentimentos e os modos cognitivos, Damásio (1994) postula que a “essência da tristeza ou da felicidade é a percepção combinada de determinados estados corporais e de pensamentos que estejam justapostos, complementados por uma alteração no estilo e na eficiência do processo de pensamento”. Para além das motivações, os sentimentos têm um papel fundamental nos processos de escolha e aprendizagem humana.

Voltando ao nosso estudo de caso, os sentimentos da escala de dor de LC têm um papel preponderante em seu projeto de vida. É por meio do reconhecimento e da reflexão sobre os sentimentos negativos, e da sua resignificação a partir de sua integração com experiências e sentimentos da escala do prazer que o projeto de vida com sentido ético se constrói. O reparo e a superação da dor provocam seu desejo e leva ao engajamento necessário para a realização desse projeto.

A análise feita permite-nos concluir que a construção de projetos de vida éticos é um processo autoral e criativo que parte de um repertório de pensamentos, sentimentos e ações e que dão sentido à vida por meio da busca da transcendência exposta pelo entrevistado. A forma como a dor advinda do envelhecimento e da proximidade da mortalidade foi resignificada conduziu-o à busca do bem estar próprio e das futuras gerações. Suas iniciativas, somadas ao legado que pretende deixar, estão embasados nos dois elementos sugeridos por McAdams e St. Aubin (1992): um de caráter interno, referente à tendência de garantir simbolicamente a própria imortalidade; outro de caráter cultural, que configura-se como um movimento que traz consigo a expectativa e o desejo de transmissão e continuidade cultural. Num *continuum* de pensamentos e sentimentos, as ações de LC fazem jus aos seus valores e dão visibilidade às transformações e expansão de possibilidades criativas na busca do bem-estar.

Enfim, ainda em fase embrionária, novos caminhos se abrem com este estudo. Acreditando que estudar os projetos de vida de idosos é um tema candente e de grande relevância social, nesses caminhos esperamos promover novas possibilidades de compreensão do psiquismo humano, bem como elaborar programas que apoiem os projetos de vida nessa etapa do envelhecimento.

Referências bibliográficas:

ARANTES, V.; ARAÚJO, U.; PINHEIRO, V. P.G.; MORENO, M. M.; SASTRE, G. Youth purpose through the lens of the Theory of Organizing Models of Thinking. *Journal of Moral Education*, v.46, p.245-257, 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2017. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101576>. Acesso set. 2018.

BRONK, K. Purpose in life: a critical component of optimal youth development. New York: Springer Science, 2014.

BUNDICK, M. Pursuing the good life: An examination of purpose, meaningful engagement, and psychological well-being in emerging adulthood. 2009. 218f. Dissertation (Doctor degree of Philosophy) – Stanford University, Stanford, 2009.

DAMÁSIO, A. O erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.

_____. The strange order of things: Life, feeling and the making of cultures. New York: Pantheon Books, 2018.

DAMON, W. O que o jovem quer da vida? como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes? São Paulo: Summus, 2009.

DAMON, W.; MENON, J.; BRONK, K.C. The development of purpose during adolescence. *Applied Developmental Science*, v.7, n.3, p.119-128, 2003.

DANZA, H.; ARANTES, V. Valores, Sentimentos e Projetos de vida: Um estudo com jovens estudantes da cidade de São Paulo. *Revista NUPEM (Impresso)*, v.6, n. 10, p.169-189, 2014.

DEBERT, G. G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999.

EMMONS, R. A. Personal goals, life meaning, and virtue: Wellsprings of positive life. In: Keyes, C. L. M. (Ed.). Flourishing: the positive person and the good life. Washington: American Psychological Association, p. 105 – 128, 2003.

Estatuto do Idoso. Lei nº10.741, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o estatuto do idoso e das outras providências. Brasília: Senado Federal, 2003.

ERIKSON, E. H. Vital involvement in old age. New York: Norton, 1986.

ERIKSON, E. H. O ciclo de vida completo (M. A. Veronese, Trad.). Porto Alegre: ArtMed, 1998.

FRANKL, V. E. Man's search for meaning. Boston: Beacon, 1946.

McADAMS, D. P.; ST. AUBIN, E. A theory of generativity and its assessment through self-report, behavioral acts, and narrative themes in autobiography. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, p. 1003 – 1015, 1992.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). E por falar em boa velhice. Campinas: Papyrus, 2000.

NERI, A. L. Palavras-chave em gerontologia. Campinas: Alínea, 2005.

PÁTARO, C.S.O. Sentimentos, emoções e projetos vitais da juventude: um estudo exploratório na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento. 2011, 232 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PINHEIRO, V. P. G.; ARANTES, V. A.. Values and Feelings in Young Brazilians' Purposes. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 25, n. 61, p. 201-209, 2015.

QUEIROZ, N. C.; NERI, A. L. Bem-estar psicológico e inteligência emocional entre homens e mulheres na meia-idade e na velhice. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), p. 292-299, 2005.

RYFF, C. D. Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), p. 1069-1081, 1989.

RYFF, C. D. Psychological well-being in adult life. *Current Directions in Psychological Science*, 4, p. 99-104, 1995.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25, 4, pp. 585-593, out.-dez, 2008.

SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: An introduction. *American psychology*, 55, p. 5 – 14, 2000.

World Health Organization. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

Recebido para publicação em 13-09-18; aceito em 07-10-18